

A HISTÓRIA UNIVERSAL DE IMMANUEL KANT

META

Expor os elementos principais da concepção kantiana de História.

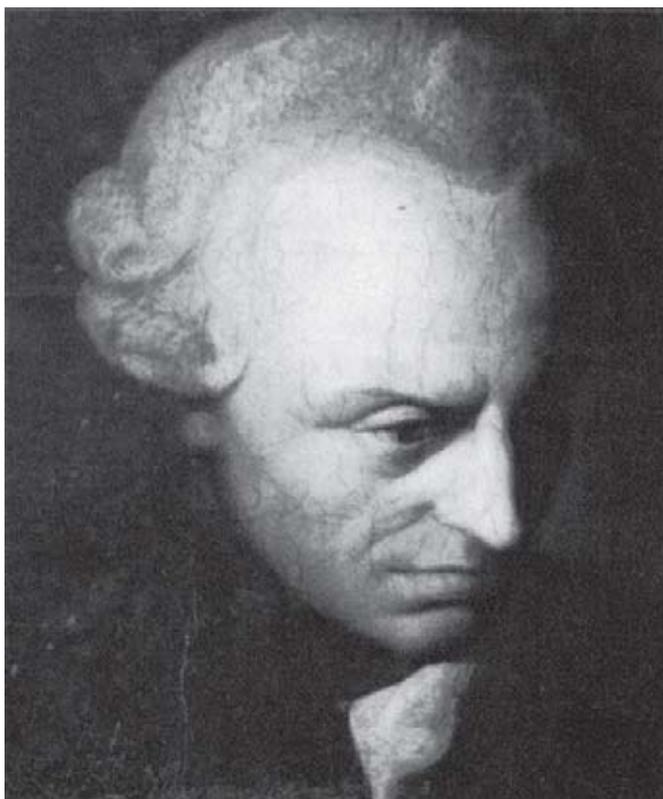
OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

reconhecer a posição kantiana a favor de uma ideia de História universal, sobre a presença do racional e do irracional na História e da capacidade dos fatos empíricos para comprovarem o progresso na História.

PRÉ-REQUISITO

Leitura da Lição nº 17 do livro *Introdução à Filosofia (CESAD)*.



Immanuel Kant ou Emanuel Kant (Königsberg, 22 de Abril de 1724 — Königsberg, 12 de Fevereiro de 1804) foi um filósofo alemão, considerado o pensador mais influente dos tempos modernos (Fonte: <http://gustavus.edu>).

INTRODUÇÃO

No pensamento de Kant estão presentes as tensões entre o iluminismo e o romantismo dos quais ele ensejou realizar uma síntese própria, ao menos no que respeita à história, de onde surge uma concepção cosmopolita de história. Este é exatamente o nosso tema nesta lição.

Uma lição sobre a história universal a esta altura de nosso curso nem parece lógico, nem adequado, porém é exatamente de que se trata. Esta nossa história da reflexão sobre o sentido da história, apesar de não contemplar todos os pensadores que se pronunciaram sobre a história, não poderia excluir a figura mais destacada do iluminismo (aufklärung) alemão, Immanuel Kant (1724-1804), filósofo e professor em Königsberg (antiga Prússia, atual Rússia). Em seus ensaios: *A ideia de história universal em sentido cosmopolita* (1784), *O começo presumido da história humana* (1786), *Se o gênero humano se encontra em um progresso constante para melhor* (1798) e *O fim de todas as coisas* (1794), além do ensaio *O que é o esclarecimento?* (1784) que merece ser incluído entre suas obras sobre a história.

Três são as questões que nos interessam enfocar nos ensaios sobre a história de Kant:

1. A distinção entre o natural e o humano na história;
2. O cumprimento cego (irracional) ou consciente (racional) das leis dos processos históricos;
3. Os fatos passados como fonte suficiente para a comprovação do progresso humano.



I. Kant (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com.br>).

Antes de entrarmos na abordagem da resposta kantiana a estas questões convém que elucidemos o significado do nosso título. Kant é o primeiro filósofo a referir-se ao gênero humano como um todo, ou seja, a “espécie humana” é o sujeito da história, sobre a qual é plausível dizer que é progressista. Eis, nas palavras do próprio Kant, a expressão do seu cosmopolitismo nos princípios que compõem a idéia de uma história universal:

Primeiro Princípio- Nos homens (únicas criaturas racionais sobre a terra) aquelas disposições naturais que apontam para o uso de sua razão, devem se desenvolver completamente na espécie e não nos indivíduos. [...]

Quinto Princípio- O problema maior do gênero humano, a cuja solução a natureza força o homem, é o estabelecimento de uma sociedade civil, que administre universalmente o direito. (KANT, 1992, p. 42 e 48)

A distinção entre “natural” e “humano” não é feita por Kant de modo direto, porém, sua filosofia estabeleceu um conceito do natural como cognoscível pela ciência, o que faz da natureza o equivalente aos “fenômenos”, objetos cognoscíveis das ciências, distintos do “númeno”[a essência perfeita das coisas] (conforme a *Crítica da razão pura*), não cognoscível pela ciência. A natureza é o reino dos fenômenos e abrange, portanto, o ser humano. O conceito de “humano”, porém, refere-se à presença da razão na vida, ou seja, à liberdade moral. Neste sentido, torna-se possível pensar a presença do humano na natureza, e ao mesmo tempo estabelecer a distinção entre o humano (do espírito) e o natural (da natureza).

É o que nos diz o “terceiro princípio” de *A ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*:

A natureza quis que o homem tire inteiramente de si próprio tudo aquilo que ultrapassa a ordem mecânica da sua existência animal, e que não participe de qualquer outra felicidade ou perfeição além daquelas que ele possa agenciar independentemente do instinto, através de sua própria razão.

(KANT, 1992, p. 44).

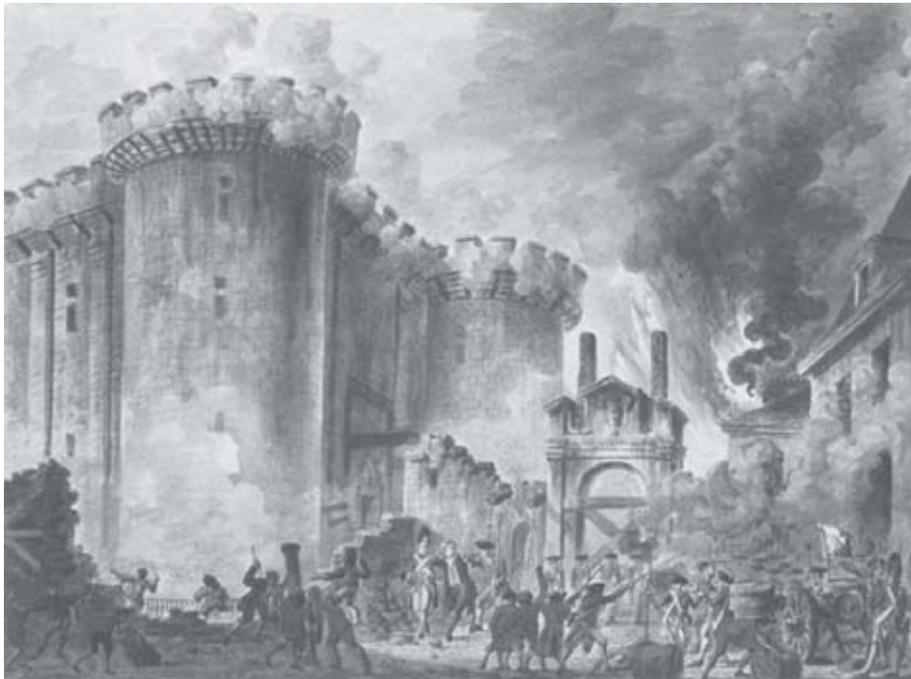
As relações entre natureza e história ou espírito, centrais no entendimento da condição e história humanas, serão temas das filosofias idealistas e materialistas que dão seqüência à reflexão sobre a história no século XIX. Ao que parece os limites da posição kantiana são claros: não ficam bem definidos nem a distinção nem a inter-relação. Cabe ressaltar, entretanto, que o advento do conhecimento histórico começa a exigir uma

filosofia do espírito que dê conta do homem como processo e não como um composto de faculdades. O sentido humano começa a ser descoberto para além da substância eterna e imutável.

No que diz respeito à segunda questão problemática, que tange o cumprimento cego (irracional) ou consciente (racional) das leis dos processos históricos, Kant advoga a necessidade da admissão da existência de um “plano na natureza” (KANT, 1992, p. 57 - “Oitavo princípio”) que conduz ao progresso, cujo plano é vivenciado cegamente, e até promovido pelo comportamento irracional egoísta e conflituoso (promotor da guerra); porém, sua conquista real só se dá na forma de uma consciência desse processo que faz com que o homem atinja seu ponto máximo de desenvolvimento na autonomia. Como declara Kant (1992, 9, p. 46 e 48) na sua *Ideia de uma história universal* em seu “Quarto princípio”:

O meio de que a natureza se serve para levar a cabo o desenvolvimento de todas as suas disposições naturais é o seu antagonismo dentro da sociedade [...] que [...] acaba por se tornar a causa de uma ordenação regular dessa mesma sociedade.

[...] O homem quer concórdia, mas a natureza sabe melhor o que é bom para a sua espécie e quer discórdia, ele quer viver cômoda e prazerosamente, mas a natureza quer que ele saia da preguiça e da inativa satisfação, se atire ao trabalho e às dificuldades, para contra eles descobrir os meios e deles, por outro lado, sair com inteligência.



Revolução Francesa - Tomada da Bastilha (Fonte: <http://www.imagensgoo>).

Quanto aos fatos passados como fonte suficiente para a comprovação do progresso humano, a conclusão de Kant é que não temos meios suficientes para, baseados nestes fenômenos, garantirmos um progresso. Em sua análise desta questão conclui no seu opúsculo sobre *Se o gênero humano se encontra em um progresso constante para melhor*: (1) que o progresso não é contínuo, pois há regressões, e não se dá do mal para o bem, mas do pior para o melhor; (2) que não é possível responder a esta questão por meio da experiência por causa da inconstância e da presença no ser humano de tendências para o bem e para o mal igualmente, sem podermos prever qual prevalecerá; (3) torna-se, assim, necessária uma história profética (anunciadora/propositiva), baseada no “desinteresse” típico de um caráter moral, o qual poderá generaliza-se como presumível início do fim, ou seja, da realização da filosofia (sabedoria) entre todas as gentes, superando as polarizações conflituosas (“insociável sociabilidade”) não racionais (KANT, 1992, p. 95-118); (4) desse modo, a história encontra seu sentido em tornar-se história do auto-desenvolvimento do espírito filosófico ou da formação progressiva da racionalidade humana propiciando uma união política perfeita da espécie humana, é o que consta no “nono princípio”, e derradeiro, de sua *Ideia de uma história universal* (KANT, 1992, p. 61-65):

Não deixa de ser um projeto estranho e aparentemente absurdo, este de querer redigir uma *história* segundo uma idéia de como deveria ser o curso do mundo, contanto que esse curso se adaptasse a certos fins racionais. Parece que, partindo desse ponto de vista, poderia resultar apenas um *romance*. Se, no entanto, pudermos aceitar que a natureza não age sem plano nem objetivo final, mesmo no jogo da liberdade humana, essa idéia já pode ser considerada como praticável; e, embora sejamos um tanto curtos de vista para penetrarmos o secreto mecanismo de sua formação, essa idéia poderia servir-nos de fio condutor para nos representarmos, ao menos de uma forma geral, como formando um *sistema*, aquilo que sem isso seria apenas um *agregado* de ações humanas.

[...] uma consoladora perspectiva sobre o futuro, em que a espécie humana pode imaginar-se a distância como tendo chegado finalmente a uma condição em que se podem desenvolver plenamente todos os germes que a natureza nela implantou [...] uma tentativa de história filosófica.



I. Kant (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com.br>).

As ideias kantianas acarretam problemas para a reflexão filosófica sobre a história, o que não é de todo fora de propósito. Em resumo, com Colingwood (1986, p. 137-138), listamos estas dificuldades que se prolongam na história da filosofia da história até nossos dias: a- a indefinição da relação entre história universal e história particular, com repercussão direta sobre o trabalho do historiador; b- as imprecisões do nexos entre pensamento histórico e pensamento filosófico; c- a questão de saber se o significado de “plano da natureza” é discernível teologicamente (miticamente) ou empiricamente; d- a indagação a respeito de se a fonte de discernimento do sentido da história é empírica ou não e de saber se sua tarefa é mostrar como surgiu o presente ou se seu objeto é o futuro; e- o problema de saber se a racionalidade humana uma vez plenamente alcançada significará a extinção da irracionalidade; f- a questão de conhecer se o que temos realmente é a atuação das paixões e da ignorância ou uma sabedoria iludida (obscura)? Temos, todavia, a convicção de que as respostas a estas questões extrapolam os limites de nosso curso, mas vale a pena conhecê-las.

Para Kant, podemos dizer, finalmente, a história avança porque existe uma benéfica competição entre indivíduos, que tem necessidade um do outro. Como comenta Remo Bodei (2001, p. 48): “a civilização é o resultado deste ondular de homens obrigados pela discórdia a serem concordes e pela concórdia a serem discordes. Justamente para reivindicar o caráter não só doloroso, mas também frutuoso do conflito”. E continua Bodei (2001, p. 48), esclarecendo a filosofia kantiana da história: “[...] o parâmetro para avaliar a história não pode ser oferecido pela *felicidade* do homem, mas sim, pela dignidade da sua existência [...] Por outro lado, não está claro para qual direção o homem se dirige”.

CONCLUSÃO

Kant oferece uma concepção de história marcada pela universalidade, onde fica estabelecido que nesta história há a presença de elementos não racionais guiados e utilizados por um “plano da natureza” em função do progresso humano em direção ao desenvolvimento moral, ao Estado republicano e à paz internacional. Há, todavia, problemas com esta concepção, por ela se colocar além dos limites empíricos.

Herder (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

RESUMO

O pensamento de Kant oferece uma concepção de história que situa a todos os povos numa mesma história, que progride a pesar de não se poder constatar sempre isto empiricamente. Este progresso será sempre resultante do “plano da natureza” que conduz as ações não racionais na direção da superveniência da razão.



ATIVIDADES

1. Apresente os elementos em que se consubstancia a aproximação de Kant para com as idéias iluministas e românticas sobre a história.
2. Apoiando-se em Kant problematize a ideia de progresso na história.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

É importante uma exposição detalhada das ideias iluministas e românticas sobre a história presente no pensamento de Kant, na questão 1. A questão 2 deve situar a ideia de progresso e as dificuldades levantadas por Kant para sua comprovação empírica.



PRÓXIMA AULA

Na Lição 07 abordaremos o pensamento a respeito da história de Hegel, o mais importante filósofo idealista alemão.

REFERÊNCIAS

- BODEI, Remo. **A História tem um sentido?** Tradução: Reginaldo Di Piero. Bauru: EDUSC, 2001
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas.** Mem Martins. – Portugal: Publicações Europa-América, 1990.
- CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo.** 2 ed. Tradução: Alvaro Cabral. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- COLLINGWOOD, R. G. **A ideia de História.** 6 ed. Tradução: Alberto Freire. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- HERRERO, Francisco Javier. **Religião e História em Kant.** Tradução: José Ceschin. São Paulo: Loyola, 1991.
- KANT, Immanuel. **Filosofia de la historia.** Tradução: Eugenio Ímaz. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.
- LÖWITZ, Karl. **O sentido da História.** Lisboa: Edições 70, 1991.